

## O ESPAÇO DAS ESTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SOCIEDADE MODERNA

**Nair Leme Fobé**

Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas

"A grande mágoa de minha vida é nunca ter  
feito quadrinhos".

( Picasso. )

O estudo dos meios de comunicação de massas, os denominados "mass media", já adentrou as Universidades, quer nos departamentos de Comunicações, quer nos de Estudos Sociais ou de Letras. É um assunto que não pode ser evitado, tendo sido cunhado com o nome mais eufemístico de "Cultura de Massas". Vem merecendo estudos sérios e uma reflexão deve ser feita a fim de se precisar o contexto cultural onde se dá tal fenômeno.

Tal reflexão pode partir de duas perguntas basilares:

1. Em que consiste a cultura de massas ?
2. Qual o tipo de realidade em que ela se dá ?

Os autores dos "Mass Média" não são do povo mas escrevem para ele, a mandato de uma classe que os usa para divulgar idéias que são de seu interesse sejam divulgadas. Sua temática é de evasão, assegurando uma passividade por parte de seu consumidor, que passa a se satisfazer com o viver a ele apresentado e do qual participa de forma vicária. Essa passividade se ajusta à manutenção de uma situação controlável e seu consumo fica socialmente demarcado. Essa cultura de massas não pode ser confundida com a cultura de origem popular que tem suas manifestações, por exemplo, nas tradicionais festas populares que guardam e observam um ritual partilhado por todos, no folhetim ou na literatura de cordel, típica do nordeste brasileiro. Ambas essas culturas foram recentemente apanhadas nas malhas da industrialização, mas a cultura popular continua sendo produto do povo para o povo.

O homem, como ser de comunicação, sempre tem buscado formas de atingir o outro, de dizer de si e do mundo, e tem procurado, em seu contexto, as melhores formas para essa expressão. Começou com as primeiras pinturas nas cavernas, antes de desenvolver uma linguagem verbalizada sintaticamente. O homem moderno urbano, passa a ter uma

realidade bem diferente daquela das épocas anteriores: seu trabalho é separado do seu lar e do seu lazer; vê-se envolvido por uma gama multiforme e multiestimulante de acontecimentos, os quais, entendidos como um conjunto, são vivenciados concomitantemente. Sua percepção de mundo é simultânea e precisa ser expressa por veículos que apreendam e digam essa simultaneidade. Como a palavra se manifesta de forma sucessiva, surge a necessidade dos meios de comunicação que melhor incorporem e expressem essa nova percepção do real. É, pois, no nosso século, principalmente, após a segunda guerra mundial, que a comunicação deixa de ser essencialmente verbal escrita, para se tornar multidirecional. Laonte Klawa e Haron Coben dizem que, nesse contexto, a cultura vai servir

“Contraditoriamente a dois senhores: à consciência e à alienação, ao conhecimento e à fetichização da realidade; ela é criativa e também paralisadora. É nessa dialética que se debate e cresce a cultura de massas.” ( In **Shazam**, 1977, p. 103 )

David Riesman ( 1965 ) apresenta três tipos psicossociais que podem ser úteis como índice para a compreensão do tipo de ajuste psicossocial que envolve a cultura de massas:

1. **O tipo dirigido pela tradição** ( Tradition-directed ) que aparece em sociedades de ampla estaticidade, como na China ou Índia dos séculos passados e em certas regiões como o norte e nordeste brasileiros, regiões essas que são pouco sujeitas a transformações devido à sua própria natureza. Nesses lugares as normas sociais são fortemente conformistas, com papéis previstos e aceitos sem discussão por todos os membros de grupo social. É a época correspondente a uma estrutura pré-capitalista, onde a comunicação se dá diretamente;
2. **O tipo autodirigido** ( inner-directed ) , que surge na época da construção do espírito capitalista, remontando a Renascimento e vindo até o século passado. É uma época marcada por maior mobilidade pessoal, acumulação de capital, por uma expansão quase constante, expansão esta que tanto se caracteriza pela produção de bens e pessoas ( expansão intensiva ), como pela exploração de terras, colonização e imperialismo ( expansão extensiva ). A criança, nesse tipo de sociedade, assimila dos mais velhos a direção que deve seguir, direção essa colocada a priori e inquestionada. Cabe ao indivíduo o desempenho de um elenco de tarefas que vão ajustá-lo social e psicologicamente. Há, no entanto, maior flexibilidade, a fim de permitir o ajustamento numa sociedade que se caracteriza pela mobilidade social. Enquanto, numa sociedade “laissez-faire”, o indivíduo adquire certas características como desconfiança, firmeza e argúcia para enfrentar o demônio incorporado pelo outro, numa sociedade autodirigida, o indivíduo se vê desarmado ante o demônio que agora está recalçado no seu íntimo e

contra o qual a solução talvez esteja nos manicômios. Agora os mecanismos auto-impostos têm que ser mais rígidos e o indivíduo autodirigido vai aprender que sua segurança está condicionada à concorrência e à poupança. **Poupar** é a palavra-chave; tem que poupar para não perder a posição que adquiriu numa sociedade de concorrência contínua;

### 3. O tipo heterodirigido ( other-directed ), que segundo Umberto Eco é

“Um homem que vive numa comunidade de alto nível tecnológico e particular estrutura social e econômica... e a que constantemente se sugere... o que deve desejar e como obtê-lo segundo certos sinais pré-fabricados que o isentam de projetar **porcosamente** e responsabilmente” ( grifos do autor ).

( 1976, p. 261 )

Sua presença se faz notar após a segunda Revolução Industrial e supõe a existência de veículos de massa e uma sociedade de consumo. Sua fonte de direção está nos “mass média”, implantada desde cedo e a qual fica subjacente a todos os seus atos.

Se o autodirigido é um ser de poupança, o heterodirigido é um ser de consumo.

Segundo Luiz Costa Lima ( 1978 ), numa sociedade heterodirigida não há produtos nobres, mas é preciso, para que haja uma diferenciação social, produtos com toques nobres; a pessoa passa a ser diferente não pelo produto que usa, mas pelo toque que distingue esse produto, das imitações. Surge, então, a propaganda que vai institucionalizar tal diferenciação, cercando o produto de “valores” que são imprescindíveis, se o indivíduo quiser pertencer a uma camada social privilegiada. A realização social passa a ser condicionada pelos valores veiculados pela propaganda, a chamada poética do século vinte.

É nesse contexto que surgem os meios de comunicação de massas, os quais vão ser manipulados pelos grupos que detêm o poder e utilizam todas as armas ao seu alcance para atingir o público, conformando-o a um modelo social e econômico de seu interesse. O gosto estético fica também sob controle, levando à sua padronização e conseqüente deteriorização. As pessoas lêem mais, já que os livros e as revistas se tornaram mais baratos e, no entanto, compreendem menos, já que sua capacidade crítica vem sendo aniquilada.

A estória em quadrinhos deve ser entendida como um produto típico da cultura de massas ou especificamente da cultura jornalística.

Cinema e quadrinhos surgiram da preocupação de movimento, característica do mundo pós-guerra, onde tudo deve-se mover, concorrer, consumir espaços, ganhar tempo, formar um conjunto e uma seqüência.

Cada quadrinho ganha sentido depois de seu antecedente e a ação contínua estabelece a ligação entre os enquadramentos. O tempo se torna fundamental para a organização dos acontecimentos. O leitor se engaja na leitura, deixa de ser um participante passivo e começa a viver a ação, volta à mesma revista várias vezes, faz diferentes leituras.

As histórias em quadrinhos podem contar com os mais diversos leitores; desde a criança que nelas encontram um momento lúdico, até os estudiosos da linguagem, que nelas encontram material para pesquisas de ordem literária ou social ou psicológica ou pedagógica. Assim também as diferentes histórias propõem diferentes abordagens, como, por exemplo, ao lermos "Peanuts", o mundo do Minduim, vamos entrar em contato com uma visão sombria de um mundo caótico; se preferirmos "Tintin", teremos uma visão colonizadora, ou uma visão antiimperialista, em "Asterix", ou o humor paródico da revista "Mad". Os próprios personagens, às vezes, vêm-se a si mesmos e a situação em que estão inseridos e, então, interferem no fluxo da história, tirando a caneta da mão de seu criador e o interrogam e o obrigam a mudar o rumo da narrativa, provocando um distanciamento brechtiano, lembrando sua posição numa realidade ilusória. Podemos, portanto, fazer vários tipos de leitura:

1. para detectar o percurso das histórias em quadrinhos ao longo da história, obtendo uma visão diacrônica que ilumine uma abordagem sincrônica do assunto;
2. para verificar a possibilidade de seu uso como recurso pedagógico;
3. para medir sua potencialidade como recurso ideológico de uma classe detentora de poder;
4. para verificar os mecanismos psicológicos impregnados na estrutura dos quadrinhos.

Qualquer que seja a leitura feita, estaremos refletindo sobre um produto que diz uma realidade que o estimulou e sobre uma sociedade onde está inserido e que o consumirá.

#### BIBLIOGRAFIA

- ECO, Humberto — **Apocalípticos e Integrados**, Ed. Perspectiva, 1976.
- LIMA, Luiz Costa — **Teoria da Cultura de Massa**, Paz e Terra, 1972.
- MARTINS, José de Souza — **Sobre o Modo Capitalista de Pensar** Ed. Hucita, 1978.
- MOYA, Álvaro — **Shazam !**, Ed. Perspectiva, 1977.
- RIESMAN, David — **The Lonely Crowd**, Yale University Press, New Haven, 1965.